

636. A VIDA DOS VELHOS 13 jan.º 2026

A vida dos velhos é triste e monótona, mas pensando bem não mais do que quando eram novos. Toda a vida é uma escravatura mesmo para aquele que pensam serem os donos do mundo.

ABATER ESTÁTUAS DE ESCLAVAGISTAS É TAREFA FÁCIL, mudas e quedas, nem esboçam oposição. Mais difícil é apagar os atos dos escravagistas ao longo dos séculos. Os apeedores de estátuas são pessoas de elevado grau de ignorância, mandatados por populistas. Começam por estátuas, queimam livros e exorcizam ideias, quando menos se dá conta já um novo fascismo se instalou. Os erros da História não se apagam nem se compensam. É grave julgar outras eras pelos padrões de hoje. Imaginemos o inverso e a população atual seria exterminada pela Inquisição. O que é proibido numa era seria moda noutra. Mais importante do que apelar a racismos e colonialismos envergonhados por eras passadas, era extirpar a fome, a escravatura e intolerância que grassam. Há quem afirme que nunca houve tantos escravos como agora, basta ir à Líbia ou a qualquer página de compra dos mesmos. É mais fácil apear estátuas que ideias. Ao destruir uma estátua podemos destruir o símbolo, mas os atos e consequências mantêm-se inalterados. Como estes vândalos são mais ignorantes que um primata, deviam começar pelo século XX e destruir as estátuas dos escravagistas do povo: Hitler, Estaline, Lenine, Mao e outros. Depois devem passar ao séc. XIX e fazer o mesmo, para trás a todos os Impérios. Nenhum sobrevive sem escravos e são os escravos que os fazem grandes. Já antes dos ocidentais, havia em África mercados de escravos, fértil instrumento de troca para os ocidentais. Os corsários berberes aprisionavam homens e mulheres nas ilhas dos Açores para venderem como cativos. Devemos obliterar todos os berberes?

Retrocedendo, chegaremos ao Antigo Egito, depois da destruição de Constantinopla, da Biblioteca de Alexandria (que teria de ser destruída segunda vez), vamos destruir o Corão, a Bíblia, todos os livros sagrados de todas as religiões, todos os vestígios de escravatura até aos Sumérios e babilónios, aos Denisovan e Neandertal. Aí sim, estará a obra completa. Poderemos voltar atrás e ser símios. Que se saiba ainda não praticam a escravatura. Completado o círculo recomeçando nova civilização como símios, verão que a vossa capacidade intelectual é inferior.

A História serve para ensinar, não para ser condenada o que, aliás, nada resolve. Não apaga o passado. Ao tentar apagá-lo não corrige o presente. Cada ato aconteceu numa época, fruto da mentalidade e das normas sociais vigentes. Tudo o que fazemos hoje, é aceitável e normal, implicaria noutros tempos a ida à fogueira da Inquisição, ao cadafalso de Maria Antonieta, à pira da Joana d'Arc, ou ao canibalismo das tribos ancestrais. A ignorância que nos rodeia, monumentos a destruir e estátuas a apear, mata mais que a peste ou outra praga bíblica. Com a fórmula de politicamente correto que implantam não sobra ninguém. Um povo que não preserva o património está condenado ao olvido.

Lembrei-me das civilizações de Grécia a Roma. Entendi pontos obscuros da teoria dos multiversos e o que há de comum em toda a História. Locke é considerado "o último filósofo a justificar a escravidão absoluta e perpétua". Defendia a escravidão, como Aristóteles, o primeiro a fazer um tratado defendendo a escravidão. Nesse tempo era comum, Locke era um homem da época, o que não diminuiria a importância das suas ideias, revolucionárias.

Mais de 2 500 pessoas todos os meses arriscam a vida na fuga à Guerra, fome, violações, escravatura, e grande parte morre afogada no Mediterrâneo, ou fica detida em campos de concentração (Ceuta, Itália, Grécia), mas a TV não está lá.

No Congo, ex-Belga, de mil e uma guerras e de um genocídio (poucos falam, seriam 10 milhões? Fora os amputados e outros) há milhares de crianças de 4 anos e mais, escravas, a trabalharem em minas a céu aberto, para produzirem minerais indispensáveis aos telemóveis que todos usamos (ex.º lítio), mas a TV não está lá.

Na Palestina a vida miserável nas pequenas faixas que Israel não anexou, não permite que uma criança tenha infância, só existe um caminho o do ódio e a Guerra contra os opressores, mas o Facebook não permite mostrar e a TV não está lá.

Na Líbia e longe do alcance das câmaras de TV há crianças, mulheres e homens a serem vendidos como escravos (menos de 20€ por cabeça), como acontecia há cinco séculos, sempre aconteceu, e a imagem abaixo ilustra (Líbia) mas também não estava lá a TV durante horas a comentar o preço de venda de seres humanos, com a corte de comentadores especializados.

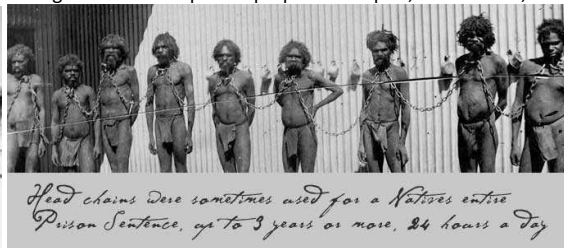
Não sabemos quantos milhares de afegãos ficaram sem poderem escapar aos talibãs em agosto 2021.

O mesmo nas imagens dos aborígenes australianos em pleno séc. XX.

Nem quantos iemenitas não puderam fugir da Guerra que se perpetua no país, na Somália, e em tantos outros locais.



Escravos na Líbia séc. XXI



Aborígenes australianos em cativeiro séc. XIX-XX.

O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, um dos principais especialistas em tráfico de pessoas e escravidão, temas que leciona na Universidade de Harvard. “A escravidão não é coisa do passado e nunca foi tão lucrativa. Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado”, diz. A estimativa é que a escravidão gere lucros de 150 biliões de dólares por ano.

Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Nos últimos 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas que estão ou estiveram nestas condições em mais de 50 países. Mas afinal de que escravidão falamos?

Há uma forma generalizada e comum: “Nunca ninguém foi verdadeiramente livre” por mais aparência que existisse, como as gerações entre 1960 e 2000, em que mais liberdadezinhas houve no mundo ocidental. Sempre houve normas e convenções, embora a Humanidade tenha estado dependente dos desígnios da minoria mandante que dita os moldes da escravidão em cada era, desde a fixação do horário de trabalho, à remuneração, recompensa por bom comportamento dos súbditos, até à existência ou não de tempos de lazer, se tal não afetar a capacidade produtiva.

Ninguém escapa à engrenagem, nem os que, pretensamente, vivem off-the-grid (fora da rede), pois necessitam de bens produzidos pelo sistema e a troca direta “barter (*permutar, intercambiar*)”, nem sempre é possível. Desprovidos são os desempregados, sem-abrigo e os que fogem ao ciclo produtivo, livres de fazerem o que quiserem desde que gratuito, o que os limita à sombra da bananeira, na ilha deserta, rica em alimentação e vestuário, só possível em literatura de ficção.

Os senhores do mundo usam os instrumentos ao seu dispor, desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos espetáculos circenses que reproduzem a máxima romana de “pão e circo (panem et circenses)” dos mundiais de futebol a outros alegados desportos, dominados pela máfia do dinheiro, anestesiando as massas e criando escape a sentimentos reprimidos. Basta averiguar o mito das férias que perpetuam a escravatura consumista. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar, caso contrário, nem subsídio de férias.

Se viver na Lomba da Maia, sem dinheiro extra *para férias*, nem carro, vai a pé 4 km até à Praia da Viola e chamará a isso férias, ou aproveitará para cuidar da casa, pintá-la ou renová-la com trabalho gratuito e chama a isso de férias.

Se vai para fora (cá dentro ou lá fora) de férias e já entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de trabalhar para pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes da invenção a que chamam dinheiro. Endividou-se para estudar, então trabalhe, para reembolsar a banca, que sobrevive explorando-o a si e aos demais.

Se pensa que não é um escravo, pense na vida dos antepassados e (na maioria dos casos). E se pensa que os DDT são livres, desengane-se, sem nós, escravos perpétuos, eles nada são e têm de se certificar constantemente de que há muitos escravos para manterem o sistema a funcionar. Por mais oleado que o esquema esteja, precisam de inventar continuamente novas normas e retribuições, fake news, para que a roda dentada da engrenagem continue a funcionar e dar lucros, cada vez maiores. Até eles são escravos da escravatura que impõem aos outros.

Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de se ter inventado o dinheiro? Não há relatos fidedignos. E os poetas, sonhadores, escritores, enganam-se pensando que são livres, apenas na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade.

PENSE BEM NISTO ANTES DE COLOCAR O SEU VOTO NA URNA E DECIDIR QUEM O VAI GOVERNAR.

Dizia eu no início desta crónica diária, que a vida dos velhos é triste e monótona. Revivemos (quase todos os dias e noites) toda uma vida e os seus momentos, privilegiando os bons e relegando para segundo lugar as más memórias, erros e desvios de curso. Quando a vida dos velhos é uma de viuvez, como a minha, esforçamo-nos por trazer à colação todas as pequenas memórias que faziam o nosso quotidiano. Quantas vezes eu não desafiava a minha mulher a vestir-se, quando estava mais abatida e ainda de pijama, sem vontade de sair, embora continuasse a pregar que *“tenho de me mexer, para não me acontecer o que aconteceu ao meu pai, que nem saía.”* O certo é que nesses momentos, com mais ou menos dores, mais ou menos aflições respiratórias, com ou sem a máquina portátil de O₂, arrebitava e até se podia sentir com forças para irmos tomar café a algum lado e espairecer.

Pesquisas genéticas revelam que a variante no gene MC1R, que confere o tom avermelhado aos cabelos, altera a química cerebral relacionada ao bem-estar e à resistência física. Essa particularidade biológica faz com que ruivos processem estímulos dolorosos de forma única, mais sensíveis a certos tipos de frio e calor, porém mais resistentes a dores agudas. Para complementar, essa diferença genética é tão marcante que, em ambientes cirúrgicos, ruivos frequentemente necessitam de 20% a mais de anestesia do que pessoas com outras cores de cabelo para atingirem o mesmo nível de sedação.

Estava sempre disposta a ajudar tudo e todos, fosse na escola, em casa ou em sociedade. Mesmo com sacrifício pessoal. Hoje desafio essa e tanta outra memória, a olhar incessantemente para os vídeos e fotos que passam na moldura eletrónica ao meu lado no escritório e na cadeira de balouço onde vejo TV. É uma das 1001 maneiras de a manter aqui, perto e presente na minha vida atual, feita de pequenos gestos monocórdicos...

levantar, tomar a minha italiana Nespresso (supercorta), depois preparar um chá preto, comer umas bolachas Maria, passado uma hora ou mais, pequeno almoço a sério, pão de forma, queijo e marmelada acompanhado de chá. Novo café ao meio-dia, almoço pelas 13:00. De tarde repete-se a cena de bolachas, chás e pão, café pelas 19:00 e jantar pelas 20:00, com bolachas especiais e sumo pelas 22:30, antes de deitar entre 23:45 e 00:15....

Ocasionalmente há análises, consultas, etc., (neste momento falta ainda arranjar o braço elevatório da janelas esquerda do carro, que avariou após o natal e aguarda o envio de nova peça na Mercedes, Auto Viação Micaelense).

Perguntam-me como me sinto (até parece o Facebook) e respondo invariavelmente “vamos indo”. Com efeito depois de me ter desalgalhado em setembro, comecei a comer melhor, o pesos estabilizou nos 66 kg, e ajustei a minha vida de acordo com as prioridades: não deixar que algo me incomode, tratar de preservar a pouca saúde que me resta, evitar encontros de ordem social ou similares onde reina a hipocrisia e cortesias falsas. Assim, limitarei os meus relacionamentos aos colóquios e pouco mais.

Há uns poucos amigos (na Austrália o Xi Zé e família; cá a Anabela, Madruga, Sunes), familiares e outros membros dos colóquios (ainda são uns tantos, felizmente) que continuarão a fazer parte do círculo restrito, ignorarei os restantes.

A filha Bé quase todos os dias pergunta então “e novidades na Lomba da Maia” e invariavelmente respondo “Nada”, mas hoje fui alertado para a visita do novo Presidente da Câmara que pelas 20:30 reúne com as forças vivas locais, depois de ter feito o mesmo nos Fenais d’Ajuda e Lomba de S. Pedro...

Hoje até me sinto melhor do que nestas últimas semanas, pois o sol voltou a meio da manhã e ainda aqui está (10-15 °C).

Espero que nada surja mais, e o cancro já vai a 3 anos de remissão no fim deste mês, haja esperança.

“Dois terços das pessoas que têm cancro já não morrem de cancro, mas não vai haver uma vacina, pelo que rastreio, prevenção, controlo e informação devem ser a aposta”, resumiu o investigador Manuel Sobrinho Simões. “Todos os anos, no mundo, aumenta muito o número de cancros. Mas as pessoas que morrem por cancro não têm aumentado. O que significa que, todos os anos, melhoramos a taxa de controlo. Não podemos falar em cura, mas falamos em controlo. Perceber isso é muito importante, e é isto que fazemos nestas sessões”, descreveu, em declarações à Lusa, o diretor do IPATIMUP (Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto).

Não devemos esquecer que nós conhecemos o nosso corpo e quando detetamos alguma alteração, devemos fazer exames, pode não ser nada, mas a prevenção é importante. Infelizmente existem casos de cancro silenciosos, mas a Ciência vai chegar lá.

Não me saem da cabeça as palavras da médica de Medicina Interna (generalista como lhe chamo, Dra. Carolina Costa) que me assiste há uns anos estava presente nas minhas últimas passagens pela urgência e internamentos no HDES: “O Chrys este ano (2025) já esgotou as suas sete vidas”. Por isso, não me canso de as enumerar, de novo:

1-4 Nas Flores, 3 paragens cardiorrespiratórias nas Flores e mais uma após a evacuação para o HDES,

*5. Crise renal devido a níveis de potássio excessivamente baixo (Hipocalemia, níveis baixos de **potássio** pode causar fraqueza muscular, câibras, contrações ou até paralisia, podendo ocorrer ritmos cardíacos anormais. A hipocalemia, às vezes, ocorre em conjunto ou é causada pela presença de níveis baixos de magnésio no sangue (hipomagnesemia).*

6. Infecção urinária prolongada

7. Sepsis.

A isto juntou-se, como é óbvio, uma enorme crise existencial a necessitar de reforçado apoio psicológico que me foi prestado via telefónica pois algaliado não me podia deslocar à consulta. Tendo tomado consciência, de forma brutal, da minha vulnerabilidade (e isso custa a quem raras vezes esteve doente ou de cama) deparo-me agora com loucos em todos os cantos do mundo, a tentarem aniquilar este mundo que é o único que temos. Seja Trump, Putin, Netanyahu, ou qualquer outro, creio que desde o meu nascimento nunca estive tão perto de uma guerra mundial como agora. Isso preocupa-me, seria um fim mau para uma vida que acabou por ser feliz e muito satisfatória, em especial nestas últimas três décadas. Quando em meados da década de 1990 decidimos ficar a viver em Portugal (sem eu regressar à Austrália após o casamento civil em abril 1996 em Sydney), adotei um novo paradigma, íamos viver com o salário da Nini, uma pequena pensão de invalidez australiana e os meus extras em traduções. Poderia eu assim fazer, como privilegiado, apenas o que gostasse e desse prazer. Foi assim que basicamente nasceram os colóquios da lusofonia. Tempos difíceis e conturbados financeiramente, muitas vezes em pleno abismo, outros na borda do precipício. Mas todas as contrariedades foram vencidas. Em 2002 havia hipóteses de emigrar para Juneau (Alasca), Coreia do Sul ou Taiwan, antes de surgir o contrato de um triénio no Politécnico de Bragança, findo o qual a Nini concorreu, de novo, ao liceu e ficou colocada aqui nos Açores.

Nunca nos arrependemos desses tempos difíceis e gozamos ao máximo, entre 1995 e 2005 visitando tudo o que se podia em Portugal e Espanha, uma ida ao Canadá em 1999, em fins de semana prolongados e miniférias. Depois fomos ao Brasil (Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis/SC), a Macau, China e Hong Kong, e mesmo só com um vencimento, começamos a visitar as outras ilhas em 2006. Em 2013 tínhamos ido a todas (várias vezes a algumas delas como Santa Maria, Faial e Pico) o que continuamos a fazer enquanto a Nini foi viva até levarmos a filha e netas em 2023 ao Pico. Depois levei-a a Santa Maria (2024) e Flores (2025), além de as trazer cá...

Como algumas pessoas me dizem, tive imensa sorte de viver em tantos países e continentes, lamento apenas as inúmeras casas que se desmontaram, que já não existem e onde vivi ou que eram da família. As duas primeiras casas da minha vida, no Porto (uma na Rua do Amial e outra na Rua de Maria Pia) ainda existem, e a terceira onde a minha mãe ficou até morrer (2021 na Rua do Campo Lindo, ainda existe). Ainda existem também as três casas onde os meus avós maternos viveram no Porto (Av. Fernão de Magalhães, Rua António Feliciano de Castilho, Pedrouços, Areosa e Rua da Igreja de Paranhos até 1989), a de Vimioso (brasonada) ainda existe maltratada e está ocupada (estava em 2003) e a da Eucísia que está em ruínas. Do lado paterno as casas que tinham no Porto (ainda conheci duas já demolidas, solarengas, uma na Visconde de Setúbal, outra na R. João das Regras), das da Foz e Matosinhos nenhuma delas sobreviveu e a Quinta do Cabeço (dos Meira) em Afife, ficou para uns parentes. Isto tudo para concluir que em nenhuma vivi tantos anos como aqui na Rua da Igreja da Lomba da Maia, onde espero ter saúde suficiente para aqui acabar os meus dias, ainda apto fisicamente a locomover-me e ter ainda sanidade total e capacidades para continuar a escrever...